

Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

A BENÇÃO TERAPÊUTICA: Vivência de um campo relacional

THALITA GOMES DOS ANJOS

BRASÍLIA, 2013.

Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

A BENÇÃO TERAPÊUTICA: Vivência de um campo relacional

Autora: Thalita Gomes dos Anjos
Orientadora: Profª. Drª. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB
como parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Saúde Coletiva.

BRASÍLIA, 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que iluminou meu caminho e minhas escolhas, que me deu forças para enfrentar as dificuldades, por ser meu guia, principalmente nas horas difíceis e ser meu companheiro nas noites mal dormidas.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram, acompanharam, deram forças nos meus estudos e apoiaram durante toda a minha jornada acadêmica na Universidade de Brasília. Aos meus irmãos, companheiros de vida, com os quais dividi todas as aflições e alegrias nesse período. A meu amor, Eduardo, que sempre me ajudou a superar os momentos difíceis e por me incentivar nos estudos. Amo vocês!

Agradeço a Dona Adma e a Seu Zé, que motivaram esta pesquisa, por dividirem suas lembranças e sabedorias, por dedicarem seu tempo a minha pesquisa. E me acolher de forma tão carinhosa.

A todo corpo docente do curso de Saúde Coletiva por contribuírem diretamente na minha formação, servirem de inspiração como profissionais e por partilharem um pouco de sabedoria e conhecimento comigo.

Agradeço, principalmente, à minha orientadora, Sílvia Guimarães, por me ajudar a compreender este universo da terapia popular. Pela dedicação e inspiração, pelo aprimoramento dos conceitos e conhecimentos implantados nesta monografia, e pelos dias dedicados a essa elaboração.

Às minhas amigas queridas, Ana Clara Piretti, Jeane Santos, Letícia Dias, Lílian de Paula, Mábia Bastos, Monique Mesquita e Tamara Campos, que conviveram comigo durante todo esse tempo. Obrigada pela dedicação, por transformarem meus dias mais alegres e fazer parte dessa experiência em que vivemos. Por me ajudarem a enfrentar as dificuldades e partilharem os momentos alegres. Amo todas vocês!

*-Eu que já andei pelos quatro cantos do
mundo procurando, foi justamente num
sonho que Ele me falou*

*Às vezes você me pergunta
Por que é que eu sou tão calado
Não falo de amor quase nada
Nem fico sorrindo ao teu lado*

*Você pensa em mim toda hora
Me come, me cospe, me deixa
Talvez você não entenda
Mas hoje eu vou lhe mostrar*

*Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar*

*Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou, eu fui, eu vou*

*Eu sou o seu sacrifício
A placa de contra-mão
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição*

*Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada*

*Por que você me pergunta?
Perguntas não vão lhe mostrar*

*Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar*

*Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você
Mas você não está em mim.*

*Das telhas eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra A tem meu nome
Dos sonhos eu sou o amor*

*Eu sou a dona de casa
Nos pegue pagues do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso, largo, profundo*

*Eu sou a mosca da sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão*

*Eu!
Mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô
O filho que ainda não veio
O início, o fim e o meio
O início, o fim e o meio
Eu sou o início
O fim e o meio
Eu sou o início
O fim e o meio*

Música: Gita

Composição: Paulo Coelho / Raul Seixas

THALITA GOMES DOS ANJOS

A BENÇÃO TERAPÊUTICA: Vivência de um campo relacional

Comissão examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sílvia Maria Ferreira Guimarães (FCE/UnB)
Orientadora

Prof^a Dr^a Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira (FCE/UnB)

Prof^a Dr^a Érica Quináglia Silva (FCE/UnB)

RESUMO

O estudo foca nas representações sociais de benzedadeiras(ores), sobre o pensar e o viver desse grupo social. Nesse sentido, trata-se de uma tentativa de compreensão da realidade social a partir do ponto de vista dessas pessoas. Esta produção analisa a benzeção como prática terapêutica, isto é, como uma forma de cuidado de pessoas que utilizam da oração para cura de males, doenças físicas, sociais e espirituais. O intuito da pesquisa é compreender como opera o regime de saberes de benzedadeiras/benzedores, a forma como um sistema religioso se torna um sistema terapêutico. Trata-se de um estudo de cunho etnográfico, qualitativo, compreendendo o segundo semestre de 2012 ao segundo semestre de 2013. Os sujeitos são dois benzedores – uma benzedeira e um benzedor - que fazem uso da prática terapêutica da benzeção, e quatro sujeitos que utilizam da terapêutica da benzeção para cura de males, no município de Unaí, Minas Gerais. A pesquisa se desenvolveu a partir das seguintes categorias: a) A história de Dona Adma; b) A história de Seu Zé; c) As histórias dos usuários da benzeção. As representações da benzeção estão interligadas no sagrado, na fé e na necessidade de acoplamento do indivíduo com o divino, em dimensões individuais e social. As (os) benzedadeiras(ores) podem servir de grande ajuda para o Sistema Único de Saúde, tanto como forma de tradutores, como de referenciadores dos serviços.

Palavras-chave: Benzeção, etnográfico, prática terapêutica, representações sociais, benzedadeiras.

ABSTRACT

The study focus on the social representations of healers, about the way of thinking and living of this social group. In this sense, it is an attempt to understand the social reality from the point of view of these people. This production examines the blessing as a therapeutic practice, a way of caring for people who use prayer to cure physical, social and spiritual diseases. The aim of the research is to understand how works the wisdom of healers, how a religious system becomes a therapeutic system. This is an ethnographic study, in a qualitative approach, comprising the second semester of 2012 to second semester of 2013. The people in the research are two healers that use the practice of therapeutic blessing, and four individuals who use the therapy of blessing for the cure of illness, in the municipality of Unai, Minas Gerais. The research was developed using the following categories: a) Dona Adma's story b) Ze's story c) Stories of the users of blessing. The depictions of the sacred blessing are interconnected, in faith and need for engagement of the individual with the divine in individual and social dimensions. The faith healers can be a great help for the Health System, as translators, as well as referrers of the services.

Keywords: Blessing, ethnographic, therapeutic practice, social representations, faith healers.

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CTA - Centro de Testagem e Aconselhamento

DPP - Departamento de Pesquisa e Pós-graduação

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

NASF - Núcleo de Apoio a Saúde da Família

PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde

PROIC - Programa de iniciação científica

SAE - Serviço de Atendimento Especializado

SAME - Serviço de Atendimento Médico Especializado

SUS - Sistema Único de Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: Delimitando o tema	10
2. DISCUSSÃO TEÓRICA: Construindo o tema	15
3. METODOLOGIA: Percurso seguido.....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: Encontrando as benzedadeiras e benzedores de Unaí	22
4.1. A história de Dona Adma.....	22
4.2. A história de Seu Zé	26
4.3. As histórias de usuários da benzeção	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO: Delimitando o tema

Este estudo pretende analisar a benzeção como prática terapêutica, isto é, como uma forma de cuidado de pessoas que utilizam da oração para cura de males, doenças físicas, sociais e espirituais, desencadeando a promoção e a prevenção à saúde. O intuito é compreender como se realiza o regime de saberes de benzedadeiras/benzedeiros, a forma como um sistema religioso se torna um sistema terapêutico. Para compreender essa maneira de ser/estar/atuar das(os) benzedadeiras(ores) será necessário também compreender o porquê das pessoas procurarem esses terapeutas.

Com o intuito de compreender esse ofício, pretende-se observar as noções de corpo, de bem-estar e de adoecimento para as(os) benzedadeiras(ores) e as práticas utilizadas no processo terapêutico. Além disso, pretende-se analisar as percepções dos sujeitos sociais que procuram por essa terapêutica, para entender a magnitude do significado de cura para os mesmos. Acredita-se que as detentoras desse saber operam revelando símbolos do catolicismo popular e por meio de unidades perceptuais, por conseguinte, outro ponto a ser observado é se a apreensão ou o entendimento da realidade, do processo que envolve o tratamento, ocorre por meio dos sentidos, das sensações usadas para perceber o mundo, vinculadas a uma moralidade católica.

Um ponto importante na análise dos saberes populares voltados para práticas terapêuticas é o fato das pessoas que vivenciam esses sistemas transitarem sem qualquer contradição entre diferentes práticas. Os itinerários terapêuticos dos usuários desses sistemas revelam esse trânsito e as negociações desencadeadas pelas pessoas que buscam bem estar. Pretende-se observar os elementos definidores desse trânsito entre as práticas dos saberes populares e os científicos, abarcando como se dá o processo de racionalização para essa escolha, quais os critérios, para quais momentos e motivos os levaram a definir a prática terapêutica da benzeção ou a biomédica.

Outro ponto a ser analisado é a interação do sistema médico das benzedadeiras com outros sistemas e sua inserção em uma rede de sociabilidade. De acordo com o argumento de Cunha (2009), a benzeção é um saber de produção coletiva, portanto, para estudá-la, faz-se necessário discutir a rede de sociabilidade onde se inserem. Nesse sentido, pretende-se compreender a relação que mantêm com outros agentes de saúde da medicina oficial e com outros terapeutas. Portanto, tendo em vista que este

conhecimento se faz e dinamiza por meio da troca, cabe mapear as inter-relações mantidas pelas benzedeiras(ores) com outros parceiros.

Este estudo tem como referencial teórico as Ciências Sociais na Saúde Coletiva, especialmente, suas discussões que pretendem analisar a realidade social a partir do ponto de vista dos sujeitos. Para tanto, este trabalho irá focar sobre as representações sociais de benzedeiras(ores), sobre o pensar e o viver desse grupo social. De acordo com Horochovski (2004), as representações sociais são um importante instrumento na análise da realidade social, uma vez que permite vislumbrar as concepções que os grupos constroem a respeito do mundo. Segundo Durkheim (apud HOROCHOVSKI, 1987, p. 94):

O que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 196, afirma que: “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação”. De acordo com Scliar (2007), nota-se que essa Constituição evita discutir ou definir o conceito de saúde. Nesse sentido, essa abordagem do fenômeno da saúde revela uma preocupação de não ter que definir para quem, para qual segmento, os serviços que devem ser prestados irão recair e, assim, não pretender homogeneizar os entendimentos sobre os processos de saúde-adoecimento das pessoas. É notória a influência do movimento sanitaria na produção do direito à saúde na Constituição Federal de 1988 e a influência de sua perspectiva analítica em pensar a saúde no Brasil a partir do viés da Saúde Coletiva. A vertente das Ciências Sociais nesta ciência é de suma importância por levar em conta a diversidade de modos de conhecer e agir sobre o mundo. O conceito da Organização Mundial da Saúde, divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948, implicando o reconhecimento do direito à saúde e da obrigação do Estado na promoção e proteção da saúde, diz que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”. A magnitude desse conceito certamente acarretou críticas,

pois era costumeiro e aceitável, a saúde ser somente a ausência de doença (Scliar, 2007). No entanto, a Constituição Federal brasileira, baseada no conceito da OMS, na apresentação que faz do direito à saúde compreende a diversidade de modos de viver e pensa a saúde no Brasil.

Portanto, é possível inferir que a Saúde Coletiva considera regimes de saberes diversos no que tange à saúde. Nesse sentido, esse trabalho pretende observar a partir dos argumentos das Ciências Sociais, uma análise do ponto de vista dos sujeitos. Segundo Nunes (1994), a Saúde Coletiva - estabelecida nos contornos do biológico e do social – considera importante a tarefa de investigar, compreender e interpretar os contextos da produção social das doenças e da organização social dos serviços de saúde, tanto no plano diacrônico como sincrônico da história. Ou, como apontam outros autores (Birman, 1991, apud Nunes, 1994), a Saúde Coletiva ao introduzir as Ciências Humanas no campo da saúde, reestrutura as coordenadas desse campo, trazendo para o seu interior as dimensões simbólica, ética e política, o que revigora o discurso biológico e não o torna hegemônico. Por meio das Ciências Sociais é possível ver o simbolismo das relações sociais, a diversidade social e os modos diversos de se pensar processos de saúde-adoecimento e processos de cura. E entender o SUS como um sistema cultural e social de saúde, compondo determinado contexto temporal e espacial.

Segundo Langdon e Wiik (2010), os sistemas de atenção à saúde são tanto sistemas culturais quanto sistemas sociais de saúde. Define-se, sistema social de saúde como aquele que é composto pelas instituições relacionadas à saúde, à organização dos profissionais de saúde nele envolvidos, suas regras de interação, assim como as relações de poder a ele inerentes. Usualmente, essa dimensão do sistema de atenção à saúde também inclui especialistas não reconhecidos pela biomedicina, tais como benzedeiras, curandeiros, xamãs, pajés, massoterapeutas, pais de santo, pastores e padres, dentre outros. Enfim, a presente proposta tem como referencial essa discussão das ciências sociais e, assim, pretende abordar outros modos de vida, de se cuidar e adoecer.

Desse modo, este estudo tem como hipóteses de trabalho, que serão verificadas ao longo da produção, se as(os) benzedeiras(ores) não excluem o tratamento com o sistema biomédico e se, pelo contrário, aconselham para os sujeitos procurarem esse sistema como um tratamento simultâneo. Outro ponto é se as(os) benzedeiras(ores) não

aprendem a prática da benzeção, mas nascem com um dom e o desenvolve, com isso não há transmissão do conhecimento sem dom.

O lócus desta pesquisa é o município de Unaí, do interior do estado de Minas Gerais. É um município com um forte vínculo com a ocupação e o desenvolvimento de Paracatu, o qual é um dos municípios mais antigos da região. Ainda que o território atualmente ocupado por Paracatu já havia sido identificado pelos portugueses, Unaí foi efetivamente povoado a partir do século XVIII. No entanto, há relatos de que, por volta do século XVI, aportaram expedições que registram a passagem das bandeiras de conquista e apresamento de indígenas e isso atingiu terras do atual município de Unaí. Com a repercussão da descoberta das minas na região de Paracatu, foram surgindo fazendas de criação de gado, cuja atividade abastecia as partes do território, o qual ocorria à exploração do ouro. Já no século XIX, o fazendeiro Domingos Pinto Brochado teria chegado a uma área então pertencente a Paracatu, se instalara com familiares, outros parentes e escravo. E logo outras famílias também se instalaram por lá. Cabe ressaltar o estabelecimento do Padre José da Rocha, que implantou a primeira igreja e assim foram formando um povoado próximo ao Rio Preto, que mais tarde foi nomeado de Unaí. (Brasil, 2010)

Por conseguinte, a colonização de Unaí ocorreu nas terras da Fazenda Capim Branco, nas margens do Rio Preto, onde havia um porto a poucos metros acima da atual ponte. O historiador Olímpio Gonzaga dá notícia de que em 1792 já existiam muitos moradores na região. Naquela época, o poder público considerava os que estavam instalados em suas terras, como simples ocupantes. Para legalizá-las, bastava a simples ocupação, conforme resolução de 1822, porque o povoado já havia sido iniciado. Havia aqueles que ocupavam extensas áreas para a criação de gado e os que dentro do povoado, possuíam suas casas com imensos quintais. Alguns, ainda hoje existem, detidos como herança. (Brasil, 2010)

Por tanto, Unaí se caracteriza como uma cidade que se desenvolveu por causa das grandes fazendas de gado e de agricultura, que até hoje são densamente presentes em toda a região. A população de Unaí atualmente é de aproximadamente 77 mil habitantes e sua extensão territorial é de 8.447,107 Km², segundo dados do Censo de 2010.

De acordo com os terapeutas populares entrevistados sempre houveram benzedores na região, principalmente devido ao histórico de ocupação. A região tinha muitas cobras que matavam o gado, os fazendeiros não sabiam o que fazer com tantas cobras e por isso recorriam a benzeção. São muitos os relatos dos benzedores que, ainda, hoje, benzem muitas fazendas e animais. Por exemplo, uma senhora relatou que havia uma vaca leiteira de um compadre que dava doze litros de leite e, após o parto, ela continuou sangrando. Ela iniciou a bênção com a ave-maria, pai-nosso e a santíssima trindade e realizou a oração, depois pediu piedade pela vaca e por ela, a benzedora. Em seguida, o sangue estancou e a vaca foi salva de uma hemorragia. Na região de Unaí, entre os benzedores e seus usuários havia a figura mística de João Pó que tinha uma bênção tão forte contra as cobras que matava uma cobra só de olhar para ela. Obviamente que além de benzerem animais e fazendas, esses terapeutas atuavam muito em procedimentos terapêuticos com as pessoas, conforme veremos neste trabalho.

A Secretaria Municipal de Saúde de Unaí dispõe de: 4 Postos de Saúde Rural, 9 Unidades Básicas de Saúde (UBS), 8 Consultórios Odontológicos, 1 Hospital Municipal Dr. Joaquim Brochado, 1 Pronto Atendimento Municipal Domingos Gomes Dantas, 1 Núcleo de Apoio da Saúde da Família (NASF), que oferece serviços de Fonoaudiologia, Psicologia, Ginecologia, Pediatria, Oftalmologia e Fisioterapia. Além disso, conta com o Planejamento Familiar e Saúde da Mulher, que incluem a prevenção do câncer de mama e de colo, Farmácia Básica, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Saúde Policlínica, nessa unidade são oferecidos os seguintes atendimentos: clínico geral, cardiologia, otorrinolaringologia, gastroenterologia, endocrinologia, ortopedia, neurologia e eletrocardiograma. Serviço de Atendimento Médico Especializado (SAME), nessa unidade encontram-se instalados o Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), o Serviço de Atendimento Especializado (SAE) em DST/AIDS, os serviços de Fisioterapia Municipal e para o tratamento de Doenças Infecto-Contagiosas como a Hanseníase, Leishmaniose e Tuberculose e Programa de Agentes Comunitários de Saúde - área rural (PACS). Centro de Controle de Zoonoses, Laboratório Municipal de Análises Clínicas.

O Hospital Municipal Dr. Joaquim Brochado é conveniado ao SUS e presta serviços em dois níveis de atenção, básica e média complexidade. A Urgência e Emergência possuem 14 consultórios e 19 leitos, o Ambulatório possui 11 consultórios e 10 leitos. No total possui 58 leitos, divididos entre suas especificações. (Brasil, 2013)

2. DISCUSSÃO TEÓRICA: Construindo o tema

Tendo em vista que a prática terapêutica da benzeção é realizada por terapeutas populares, então, como prática de cura, os sujeitos sociais que as procuram compartilham dos mesmos códigos culturais e estabelecem uma relação dialógica no momento que ocorre o procedimento terapêutico (LOYOLA, 1984). Santos (2006) fez um estudo sobre práticas de cura no Brasil no início do século XIX. E segundo essa autora, a partir da década de 1960, historiadores começaram a estudar a perspectiva do “popular” de acordo com o surgimento da necessidade de trabalhar com grupos particulares em contextos e períodos específicos, ratificando-se as distinções culturais dos diferentes sujeitos sociais, e dando voz de sujeitos a grupos antes marginalizados e não priorizados nos estudos de História Política. Em distintos trabalhos, nota-se a procura de sentidos nas práticas e representações dos diversos grupos, além da preocupação com o universo simbólico, com finalidade de descrever e construir uma narrativa.

Dessa forma procura-se definir e distinguir a maneira como as práticas terapêuticas são inseridas e como foram inseridas no mosaico cultural que conforma a realidade brasileira pelas instituições estatais. Como descrito por Santos (2006, p. 2):

No início do século XIX, a chegada da família real Portuguesa ocasionou grandes transformações econômicas, políticas e sociais, entre elas a criação dos primeiros espaços de ensino das artes de curar no país. (...) O ensino médico nos espaços acadêmicos era apresentado por quem fazia parte dele como superior. Aos outros tantos praticantes de cura, que não os poucos médicos diplomados, era dirigida uma política de controle e fiscalização, feita pela Fisicatura-Mor, que, porém, não impossibilitou a interação de saberes. (...) Esse período de atuação da Fisicatura, ou seja, as duas primeiras décadas do século XIX, no Brasil, possui características bem peculiares referentes à presença e atuação dos terapeutas populares de cura. Estes foram reconhecidos como detentores de um saber legítimo e autorizados a exercer as suas atividades, mesmo com a existência de tentativas de hierarquização dos saberes, que durante o restante do século se intensificou o que se constitui em uma questão importante a ser investigada neste trabalho.

Portanto, no contexto colonial, havia uma escassez de medicamentos, boticários e de médicos, cirurgiões e outros indivíduos habilitados oficialmente para curar, até mesmo nos centros urbanos. Por outro lado, havia uma ampla gama de terapeutas populares

como raizeiros, benzedores, parteiras e sangradores, entre outros, que não eram legitimados pelas instituições oficiais. Mas, que passaram a atuar após fiscalização oficial. O espaço ocupado por esses agentes de cura deve, também, ser entendido como um traço das peculiaridades culturais do período, as pessoas os procuravam não por uma ausência ou falta de outro profissional, mas porque eles eram os profissionais de saúde reconhecidos. Estes terapeutas estavam mais próximos das concepções da população, sobre saúde e doença, cura e faziam parte do dia a dia dos sujeitos (SANTOS, 2006).

No decorrer do tempo, os terapeutas populares, obviamente, se modificaram, tornaram-se outros e ainda se mantêm ativos, apesar dos avanços e da relação de poder desigual com a biomedicina que busca silenciar tais ofícios. Um aspecto recorrente nas terapêuticas populares que perpassa sua dinâmica transformação ao longo dos tempos é a religião. Segundo Rocha (1985), as medicinas populares apresentam três elementos marcantes e definidores das mesmas que lhes conferem identidade: sua origem, seu objetivo, marcado pelo caráter de resistência, e seu método intuitivo para construção do conhecimento. Não há tipo “puro” ou uma única medicina popular, mas há alguns aspectos em comum encontrados nessa diversidade: a relação com a natureza, as categorias de morbilidade e a fé (op. cit.). De acordo com Nery (2006), na cultura popular, corpo e espírito não se separam, tampouco desliga-se o homem do cosmos, ou a vida da religião. Para todos os males que atingem o corpo e a alma do homem sempre há uma reza para curar. É por isso que, apesar do tempo e dos avanços da medicina, o saber/fazer dos benzedores ainda persiste na nossa moderna sociedade capitalista. Por conseguinte, há ainda muitos que procuram nas rezas e nas benzeções uma cura para a sua doença ou um alívio para a sua dor.

Em seus estudos Nery (2006) busca o significado de benzer. No dicionário, benzer significa “fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa, recitando fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu, abençoar.” De acordo com esse autor, o ato da bênção é um ato de súplica, imploração, pedido insistente aos santos para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos, para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais (op. cit, p. 2). Segundo Oliveira (1985, apud NERY, 2006, p. 2):

A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente.

Ainda, segundo Nery (op. cit., p. 2), o ato de benzer ou de curar é a ritualização das coisas da fé, nas quais várias vezes não há distinção do sagrado e o profano. Esse autor argumenta que a benzeção, no Brasil, vem da junção de vários contextos sociais, da herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil eram dotados de conhecimento das plantas medicinais de Portugal. Sofreu influencia também dos diversos povos indígenas e africanos que aqui viviam. Assim, o saber dominado das plantas medicinais nativas da colônia, unido ao das plantas medicinais trazidas pelos portugueses e africanos, foi sendo transmitido de geração em geração, juntamente com o costume de curar doenças por meio de recursos naturais. Daí a procura pelas rezadeiras para fazer chás, simpatias, rezas e benzeções como uma solução eficaz para solucionar os problemas de saúde para as classes mais desfavorecidas.

No universo da benzeção, cada benzedor tem a sua forma de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar. Esse dom é traduzido em fé, um saber adquirido com seus antepassados e de onde aprenderam a ver o mundo que os cerca. Rezadores, benzedores e curadores criam com a comunidade um sistema diferenciado de comunicação através de seus cantos, gestos, rezas e orações, que refletem vigorosamente a mais pura expressão das classes populares (NERY, 2006).

Envolvendo-se na temática da comunicação entre terapeuta e seu “cliente”, Rabelo (2010) aborda algumas questões para o entendimento dos processos de comunicação que são desdobrados nos tratamentos religiosos. Segundo essa autora, as práticas de cura desenvolvidas nas religiões estão frequentemente relacionadas a um projeto amplo de mudança da pessoa. A construção do significado ao longo dos processos em que se desenrolam a cura é também um método de aprendizado através do qual o sofredor/potencial adepto é introduzido a certos modos de ser e relacionar-se com outros, com o entorno e com o próprio sofrimento. Isso traduz a maneira como o indivíduo lida com o sofrimento, seja procurando por práticas terapêuticas como a benzeção ou por outros processos religiosos. E de acordo com Rabelo (op. Cit., p. 5), “as religiões modificam a maneira pela qual os indivíduos se posicionam frente à aflição, na medida em que lhes incutem um novo estoque de concepções e crenças.”

As(os) benzedeadas(ores) praticam a benzedura por terem o exercíco do dom, que são habilidades e sensibilidades que lhes foram concedidas e/ou adquiridas e trabalhadas. E essa aquisição dos dons é parte de uma trajetória de desenvolvimento de habilidades legitimadas e valorizadas tanto no interior do grupo religioso quanto fora dele. Por um lado, a descoberta do dom é o reconhecimento de si como interlocutor hábil e sensível de Deus. O exercíco dos dons também lança os sujeitos em um novo e ampliado circuito de relações: não apenas aprofundando sua participação na igreja e em atividades religiosas que algumas vezes ultrapassam os limites do bairro, como também fazendo dele uma referência na vizinhança, especialista religioso, chamado com freqüência nas casas para orar por doentes e expulsar demônios. Assim, das experiências sensíveis vividas e cultivadas nos contextos rituais, das práticas e rotinas de cuidado e controle do corpo incentivadas na religião resulta acesso a um campo novo de sentido (Rabelo, 2010).

Segundo Rabelo (op. cit), na prática religiosa de cura, a mobilização do corpo, o despertar de sensibilidades e o engajamento do “corpo sentiente” com os objetos nos contextos de prática religiosa, fazem parte do movimento de construção do sentido, mas seu efeito se estende para além da aquisição de representações ou quadros interpretativos. Conduzem, pouco a pouco, a novas sínteses práticas, formas (corporais) de compreender o mundo, a si mesmo e aos outros, e de lidar com as situações problema. Assim, a benzedura acaba por extrapolar o sofrimento exclusivamente do corpo biológico e acaba por ver o sujeito em sua totalidade, fazendo uma leitura das relações sociais com os outros, com as divindades que devem ser restabelecidas para o bom viver.

É interessante observar alguns movimentos recentes de determinadas prefeituras em incluir benzedeadas e benzedores nos serviços de saúde. Galindo (2005) analisou o caso da prefeitura de Maranguape (CE) que inclui manifestações culturais populares, especificamente a prática sincrética das rezadoras e dos vendedores de raízes, personagens comuns nessa região, nos postos de saúde. Assim, em Maranguape optou-se por levarem as rezadeiras para o posto de saúde, onde essas mulheres têm uma sala só para elas, mas não ganham nada para dar expediente dentro do posto. Observou-se desta maneira o fluxo das mães que passaram a visitar mais o posto para ver a rezadeira e depois passam também pelo médico. De acordo com a médica do posto, a melhor

experiência para recuperar as crianças desidratadas é esta: a rezadeira dentro do posto de saúde (op. cit).

O reconhecimento da prática religiosa local, da visão de mundo da população e da postura de resistência que a cultura local exerce, podem fazer de propostas como esta, de tornar rezadeiras em agentes de saúde, um marco transformador do sistema ou uma investida real na autonomia e poder de decisão no cuidado dos indivíduos. Assim, efetivando realmente a promoção e prevenção à saúde.

Outros municípios também seguem este movimento, Rebouças, município do Paraná, desde 2009, e São João do Triunfo, também, município do Paraná, desde 2012, apresentaram leis que reconhecem as benzedeiras, rezadeiras, curandeiras e costureiras de rendiduras - de dores musculares - como agentes de saúde pública. Essas cidades legalizaram o acesso e manipulação de ervas medicinais por essas profissionais, com o intuito de facilitar o atendimento dessas. Ao noticiarem na mídia tal prática, alguns médicos foram contra com receio das pessoas substituírem o médico pela benzedeira, pois, de acordo com eles, a segurança científica não pode ser deixada de lado. É impressionante o fato dos médicos desconhecerem o conceito de itinerário terapêutico vivenciado por grupos sociais no Brasil, isto é, o fato das pessoas transitarem por variados espaços em busca de cura ou bem estar sem qualquer contradição (GERHARDT, 2006). Na visão de mundo de diversos grupos sociais, a saúde e doença são processos vividos e não estados biológicos, conseqüentemente, em determinados momentos as pessoas procuram uma benzedeira, em outros momentos procuram os médicos.

Além disso, os terapeutas populares, no caso deste trabalho, as benzedeiras, são profissionais que atuam em uma perspectiva que leva em consideração a carta de Ottawa (1986, p. 1), que orienta observar as potencialidades da promoção da saúde:

Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas.

Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

Essa ideia de promoção da saúde está relacionada com uma mudança de perspectiva das políticas de saúde que deixam de atuar por meio de técnicas autoritárias e disciplinadoras para usarem de técnicas como o “acompanhamento” e “conselho” (ROBLES, 2012). Nesse sentido, as benzedeiras tornam-se figuras centrais em tais processos. Conforme observou Cardoso (2012, p. 52), no caso das parteiras no entorno do DF, o que vale também para as benzedeiras:

Essas atuam como *cuidadoras*, as parteiras podem auxiliar nos cuidados e orientações fornecidas pelo médico, durante e após o parto, da mãe e bebê. Além disso, elas próprias podem realizar o parto e o cuidado nesse período. Como *referenciadoras*, podem encaminhar a mulher ao hospital para realizar o pré-natal ou em situações de emergência. Como *tradutoras*, podem ser intérpretes dos sinais, sintomas e linguagem, auxiliando o médico e contribuindo para um diagnóstico mais eficaz.

3. METODOLOGIA: Percurso seguido

O presente estudo é de cunho etnográfico, portanto, qualitativo. Tal projeto de pesquisa teve início em 2012 com a bolsa do Programa de Iniciação Científica da UnB no projeto científico Sistemas Médicos de Terapeutas Populares no DF e região do entorno coordenado pela Prof.^a. Sílvia Guimarães. Contou com apoio do Edital Universal nº 14/2011.

A etnografia propõe um olhar *de perto e de dentro*, por conseguinte, a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se percebem, constroem suas realidades nas diferentes esferas da vida social - religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (Magnani, 2002).

Para estruturar essa pesquisa foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: entrevistas semi-estruturadas, a fim de atingir uma conversa mais aberta e menos formal possibilitando agregar melhores compreensões acerca da busca de cura para tais sujeitos. Citando Minayo (2006) a entrevista em profundidade é uma "técnica privilegiada de comunicação" e permite identificar a trajetória e as modificações desenvolvidas pelos pesquisados. E a observação dos sujeitos, outra técnica, foi documentada por meio de um diário de campo.

Os sujeitos serão dois benzedores(eiras) que fazem uso da prática terapêutica da benzeção, Seu Zé e Dona Adma. Foram também entrevistados 4 sujeitos que procuram a terapêutica da benzeção para fins de cura, são eles: Rosa, Guido, Marta e Socorro. Os nomes foram trocados para manter a integridade os indivíduos que participaram da pesquisa.

A pesquisa ocorreu no município de Unaí, do interior do estado de Minas Gerais. Compreendeu o período do segundo semestre de 2012 a 2013.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: Encontrando as benzedeiras e benzedores de Unaí

Nesta seção pretende-se discutir como atuam as benzedeiras e benzedores da cidade de Unaí, quando e como são acionados pela população local e como operacionalizam seus saberes e práticas. Neste sentido, nesta seção é enfatizada a história de vida desses terapeutas, o que permite visualizar o contexto social onde vivem e atuam. Além disso, por meio da biografia é possível compreender como se dá o aprendizado de um terapeuta popular. Para se desenvolver qualquer tipo de ação que pretenda tê-los como complementares aos serviços públicos de saúde é preciso compreender a maneira como realizam seu ofício.

4.1. A história de Dona Adma

Dona Adma é uma benzedeira. Mora em uma casa simples e singela, com um alpendre de cimento queimado e polido com cera vermelha, sempre tão limpa, que dá para ver até um fio de cabelo no chão. Em sua sala, há a imagem da sagrada família e um quadro bordado com uma oração. Em nosso primeiro encontro, se mostrou muito simpática e aceitou participar da pesquisa, completou dizendo que gostou de mim. Dona Adma estava sempre disposta a me atender.

Sua residência fica em um bairro periférico do centro de Unaí, foi possível notar que é um bairro popular. Cercado de casas humildes e pessoas simples, o comércio segue essa mesma linha. Em uma das visitas que fiz a ela, ao chegar a sua casa ela estava na calçada conversando com uma família que estava em Unaí de visita, eram de Brasília e estavam de saída. Tinham acabado de serem benzidos. Dona Adma disse que sempre que vão à Unaí, passam em sua casa para serem benzidos, ela completa dizendo: “Ainda tem pessoas que acreditam no benzimento”.

Dona Adma é mineira, de Patos de Mina - MG, “nascida e criada lá”. Hoje tem 78 anos e reside em Unaí, Minas Gerais. Seus pais também eram mineiros de Patos de Minas. Segundo seu relato:

Sou de Patos de Minas, morava na mata dos Fernandes (fazenda), nascida e criada lá, quando mudei de lá já tinha 4 filhos, já era casada. Aí vim para Unaí na fazenda Mata Velha. Morei na Mata

Velha mais de 40 anos. Depois morei na fazenda Canto, morei na fazenda Limeira depois eu vim aqui para cidade pros meninos estudarem, vinha da roça na segunda-feira e voltava no sábado, e ficava tocando a roça lá.

Nesse período, Dona Adma ainda contava com o apoio de seu falecido marido, o qual ela chama carinhosamente de meu Véio. Antes de irem morar na cidade Dona Adma teve 18 partos, porém 3 foram natimortos e 2 ela “perdeu para a vida”, um foi de acidente de carro, o outro foi por doença, pneumonia. Apesar de muitos contratempos, ela nunca desistiu de levar os filhos para estudar na cidade, conforme ela mesma mencionou. Dizia que era muito importante, e que ela não teve essa oportunidade. De acordo com ela:

Nós vinha da roça segunda-feira e voltava só no sábado pros meninos estudar, por que não tinha com quem deixar. Por que tinha professora, comade Léia, eles estudavam com ela, mas aí a gente mudou para outro lugar, ficou longe né. Aí nós foi e resolveu, mudei para Urucuia (fazenda um pouco distante), morei um monte de tempo lá, foi só 11 meses. Aí nós veio tudo e ia para roça, ia segunda-feira ficava lá, na roça, na fazenda, ficamos lá muito tempo desse jeito indo e vindo.

Com os filhos criados, Dona Adma os deixou irem para Brasília estudar. Ela ficava no trânsito entre as duas cidades, passava de dois a três meses em Brasília e depois retornava para Unaí. Ia mais para Brasília quando eles adoeciam, assim, Dona Adma os benzia. Ela comenta: “Quando dava jeito eu benzia. Quando não sabia a benzeção para o que eles tinham aí era médico e remédio”.

Dona Adma desde criança tinha curiosidade na benzeção, ficava espiando sua Mãe, que também era benzedeira, a benzer. E assim ela começa a se iniciar no ofício da benzeção. De acordo com ela:

Quando eu era menina eu ficava observando a minha mãe benzer, de curiosa, mas ela não podia saber não, que se não eu apanhava. Ela não deixava a gente ficar perto não, ela brigava. Aí depois eu aprendi mais com uma mulher, lá da fazenda da Mata Véia que também benzia, eu pedia para ela me ensinar, por que lá tinha muita cobra, né!? [...] Já benzia de um bocado de coisa, mas depois ela me ensino, aí eu benzia de ofendido de cobra (picada de cobra), engasgo, pessoa engasgada, é... olho gordo, inveja, a inveja é pior.

Conforme foi mencionado anteriormente, a área rural de Unaí é conhecida pelas pessoas por ter muitas cobras. Desse modo, os benzedores dessa região são demandados para benzer fazendas e o que eles denominam de “ofendido de cobra” que é a mordida de cobra. Além de ter aprendido alguns benzimentos com a senhora da fazenda da Mata Velha, Dona Adma aprendeu com sua mãe a benzer, que lhe ensinou quando já estava adulta:

Tem umas que eu aprendi com a minha mãe, que depois de grande, eu pedi e ela me ensinou. Aí depois eu aprendi de outras coisas, aprendi de ofendido de cobra, de engasgo, espinhela caída (arca caída). [...] Eu que corro atrás de aprender, igual à mulher, ela sabia aí eu pedi ela para me ensinar, eu tinha vontade de aprender, aí ela sentiu que eu podia aprender.

Nesse sentido, o indivíduo que se interessa pela benzeção deve procurar os meios de aprender o benzimento e se aprofundar no conhecimento das rezas e suas funções. Segundo Dona Adma ela nunca ensinou a ninguém. De acordo com os benzedores, as palavras da reza têm poder e o benzedor é um veículo de Deus. Assim, de acordo com Dona Adma, Deus deve pôr a virtude nas palavras e o benzedor deve rezar com fé para emitir a palavra e ser seu canal de transmissão do divino. Desse modo, o benzedor desenvolve o dom de benzer. Dona Adma afirma que o benzimento é uma sabedoria que deve ser repassada, para não deixar morrer. Ela ressalta o desinteresse das pessoas em aprender a prática do benzimento:

Ainda não ensinei alguém não, por que ninguém... ah, tem o meu sobrinho eu falei que ia ensinar para ele mas ele não... falou que não queria aprender, aí eu deixei quieto né, ele tem que correr atrás. Ele não falou se quer, aí cada uma tem sua vontade, a vontade é livre né? [...] É a gente tem vontade assim quando a gente vai ficando bem de idade né, tem vontade de fazer, de ensinar as pessoas para continuar, para fazer o bem pros outros, por que a benzeção é só pro bem né, fazer o bem. Aí a gente tem vontade de passar para uma pessoa para continuar. Mas é difícil. É difícil de achar alguém. Hoje em dia ninguém quer compromisso com essas coisas mais, a gente não pode obrigar né, aí fazer o que?

Para ela não é qualquer pessoa que pode benzer, tem que ser uma pessoa de Deus, com o dom da fé, porque é a fé que faz com que Deus escute suas preces. Diz que ela é somente um instrumento de Deus, que quem concede as curas é Ele. Mas que ela

tem suas obrigações quanto ao dom que Deus lhe deu, diz que tem que ser uma pessoa boa, sem maldade no coração e estar disponível para rezar pelos outros. Diante desse relato, retirado do diário de campo, perguntei como ela havia percebido esse dom que Deus havia concedido a ela, e me respondeu que sempre viveu nesse meio, da bênção. Sua mãe era benzedeira e, quando atuava, não tinha acesso aos serviços de saúde como se tem hoje, então eles tinha que se apegar com os recursos que tinham. Esses eram os cuidados que, de acordo com Dona Adma, “a vida havia ensinado a eles como, por exemplo, não comer carne crua, não tomar leite depois de chupar manga”. Dona Adma explica que sempre foi uma criança curiosa, e com passar do tempo sua curiosidade era voltada para a benzeção, por isso que bisbilhotava a mãe quando fazia as benzeções. Assim, ela foi se iniciando no ofício.

Quando conversávamos na cozinha de Dona Adma, enquanto ela passava um café, ela explicava que reza todos os dias, assim que acorda e antes de dormir, e é por isso que conseguiu criar seus filhos com honestidade. Diz que sem Deus a gente não é nada, a força e o conforto só ele nos traz. Desde que aprendeu a benzer ela nunca cobrou para fazer um benzimento. Benzer é um dom que deve ser disponibilizado para os outros e não pode ser cobrado por isso. Segundo Dona Adma: “Deus dá as coisas para serem compartilhadas e não vendidas e compradas. Isso é uma coisa que dinheiro nenhum pode comprar, ninguém pode comprar Deus”. Benzer para Dona Adma é sentir-se viva, é um momento de sentir Deus, a presença de Deus. Afirma que a benzeção já lhe deu muitas provas que Deus existe, pois a cada raminho que seca, a cada animal que se levanta, a cada cura concedida é a mão de Deus que esteve lá e mais uma vez ela foi seu instrumento.

Dona Adma relata que por mais simples que seja a cura, para a pessoa que a necessita, que tem alguma coisa lhe incomodando, isso é muito importante para ela. Não se pode medir a dor de outra pessoa, somente ela sabe de sua angustia, por isso cada cura é uma dádiva de Deus. Essa perspectiva de Dona Adma demonstra seu respeito com os indivíduos que a procuram. A influência que um benzedor traz para sua comunidade é intensa, pois significa trazer coisas boas em um sentido amplo, pois nem sempre a medicina dá conta de todos os males, e nem sempre todos tem acesso à saúde. Há determinados males que somente a benzeção cura e outros que somente os médicos curam. Assim, explica que se uma pessoa chegar a um médico e dizer que não esta

passando bem por causa de “mal olhado”, o médico não vai acreditar na causa apresentada, mas irá investigar o que a pessoa está sentindo e poderá até achar uma explicação médica. No entanto, há coisas que os médicos e seus medicamentos não podem curar, mas sim as mãos de um benzedor, sua prece, sua oração podem curar males, quando são pedidos com fé.

Dona Adma benze muito fazendas e criações, além de pessoas. A ênfase dada aos animais e cuidado em manter as cobras longe podem soar como anedotas, mas são importantes e reveladoras das preocupações que movem as pessoas dessa região. Dona Adma conta um caso que nunca esquece:

Tinha uma porca adoentada, ela tava só pele e osso. Todo mundo achou que ela já tava morta, e aí eu benzi, ela levantou na mesma hora. Ele (dono da porca) deu comida para ela e ela comeu, na mesma horinha que eu benzi ela saiu andando e comeu. Todo mundo achou que ela já tinha morrido, que eu tava benzendo a porca morta, aí eu nada, Deus vai levantar ela, Deus vai cura ela, pois ela levantou e saiu. Aí eu falei gente, mais tem que ter fé mesmo né, ele ficou naquela fé, o compadre Amildo.

4.2. A história de Seu Zé

Seu Zé é um senhor esguio e com aspecto saudável, é casado há 59 anos e tem 4 filhos, “todos criados, e muito bem criados” segundo o próprio. Quando perguntei sua idade ele brincou: “Precisa disso? Vamos deixar para lá, estou na flor da idade.” Ele riu bastante, mas disse: “Tenho 82 anos, dá para ver?” e a partir de então sempre se mostrou uma pessoa descontraída.

Durante a semana fica em sua casa na cidade, e nos fins de semana vai para sua fazenda. Essa está localizada a 40 km do centro de Unaí, na saída para Buritis. Não é muito grande, mas, segundo Seu Zé, “é do tamanho que sempre quis”. Sua fazenda é muito organizada toda gramada e cheia de flores e árvores frutíferas. Sua esposa cuida sempre da horta e das orquídeas que enfeitam seu alpendre. Ao adentrar na casa me deparei com a imagem da Nossa Senhora e uma bíblia, encima da estante.

Seu Zé nasceu em Cavalcante, no estado de Goiás, mas saiu de lá com 4 anos de idade e veio com a família para Unaí. Desde então, segue morando em Unaí. Sempre trabalho com seu pai nas fazendas, desde criança, segundo ele. Depois de casado trabalhava de vigia durante a noite. Criou seus filhos com dificuldade, mas com dignidade,

não deixou faltar nada de essencial, mas não tiveram luxos. Hoje, seus filhos são donos de uma malharia e por isso seu Zé não precisa trabalhar mais. Mas, sempre está lá ajudando em alguma coisa. De acordo com ele: “não aguento ficar em casa sem fazer nada. Quando acaba meu serviço lá em casa, ou vou visitar as pessoas ou vou trabalhar na malharia. Gosto de ajudar os meninos”.

Seu Zé cresceu no universo da benzeção. Nas fazendas que seu pai trabalhava sempre iam benzedores. Mas foi somente mais tarde que despertou nele o dom da benzeção. Seu Zé explica:

Para você ver como são as coisas. Eu já era casado e já tinha os meus filhos, e um dia eu passei muito mal, comecei a sentir aquele negocio ruim na barriga, subia um azedume na boca e apareceram umas brotoejas no braço, não tinha nem ideia do que isso podia ser, e fiquei assim algum tempo e tomando só chazinho. Aqui em Unai não tinha médico assim não, mas tinha o Seu Joel da farmácia, ele consultava a gente e dizia qual remédio ou ensinava as garrafadas que servia para aquilo. Fui nele, ele me passou um remédio e me ensinou um chá de rabo de tatu, com capim cidreira e raspa de chifre. Melhorei um bucado por um tempo, mas quando a dor voltou, parece que voltou pior e aí eu fiquei de cama por uns dias. Aí uma vizinha minha na época foi me visitar e me falou que conhecia uma benzedeira muito boa, eu falei: Manda ela vim cá que eu num tô bão não. Essa mulher veio e foi batendo o olho e disse que eu ia sará logo, ela me benzeu com um ramo de “comigo ninguém pode” e “favaquinha”. Menina, o trem foi bão demais que dentro de meia hora eu já tava de pé. Aí essa mulher me ensinou a benzer contra mal olhado, dizendo ela, que é bom sempre tá protegido contra o olho gordo. Nisso passou um tempo, um tempo bom mesmo, e aí o Admur (filho do meio) um dia chego da escola com uns desmaios, e amarelo. De início achei que tinha comido algo estragado, mas o negócio foi ficando esquisito, então na hora parece que deu uma luz na minha cabeça que, você credita que eu lembrei a oração que a benzedeira me ensinou na hora, eu nunca mais tinha usado ela depois que ela me ensinou. Aí, resolvi benzer ele, achei que isso tinha sido um sinal, eu benzi e o ramo de favaquinha secou na hora, eu comecei a abrir a boca e a lacrimejar. Quando terminei ele já tava com a aparência bem melhor e logo melhorou. Aquilo me despertou um interesse que resolvi procurar a senhora que tinha me benzido, para agradecer ela ter me ensinado e contar o caso.

A partir de então Seu Zé demonstrou interesse em aprender a prática da benzeção, a princípio como recurso para sua família, já que não tinham acesso aos serviços de saúde. Conforme acontece com outros terapeutas populares, seu ofício teve início a partir

de uma necessidade, de repente teve que atuar, no “susto” (CARDOSO, 2013; FLEISCHER, 2011). Quando Seu Zé procurou novamente essa senhora que o havia benzido e o ensinou o benzimento, ele descobriu que ela não benzia mais com tanta frequência, pois estava doente. De acordo com Seu Zé:

É Deus que arranja as coisas na nossa vida, fui na casa dela e ela não tava bem, mas ela me falou uma coisa que na hora eu arrepiei, olha to até arrepiado contando isso pro cê. Ela me disse assim: Eu amanheci pensando no senhor, e Deus escuto minha prece. Eu pedi que ele me enviasse uma pessoa de coração puro e alma transparente para eu dar fim na minha jornada, e ocê veio até mim. Na hora eu não sabia nem o que dizer, fiquei assim, igual cês dizem, passado na manteiga.

Após a oportunidade que Deus colocou em sua vida, Seu Zé seguiu seu destino e aprendeu a terapêutica da benzeção. Ele desenvolveu seu dom e passou a exercer seu ofício sempre que fosse demandado. Mas, não foi fácil, ele conta:

Ela não me ensinou somente a benzer, mas também a entender como Deus agia na minha vida. Eu não era um homem de ir na missa todos os domingos, mas sempre acreditei em Deus. Ela me ajudou a entender a importância de ser purificado (refere-se a hóstia), porque ajuda a enxergar melhor os traçados de Deus. Como no caso do meu filho que te contei, veio a reza na cabeça. Eu não imaginava os deveres que teria e o tanto que é importante ser um benzedor. Pro cê vê, eu achava que eu tinha que rezar sempre a mesma coisa para todo mundo. Essa história de aprender a benzer demorou um tempo, acho que foi uns 10 meses para mais. Eu senti que depois que eu aprendi a benzer, e comecei a fazer isso pelas pessoas, minha vida melhorou, não em dinheiro, mas eu tinha mais sabedoria, discernimento, e conseguia ver as coisas com um lado bom. A benzeção me ensinou muito e até hoje eu aprendo.

A benzeção foi um marco na vida de Seu Zé, conforme ele mesmo relata, após aprender a benzer, ele passou a ir à missa todos os domingos, participar do grupo de renovação da igreja e rezar o terço todos os dias ao levantar. Máximo (2013) mostra como a benzeção tem influencia sobre o processo de envelhecimento de uma benzedeira, fazendo encarar com mais naturalidade o ciclo de sua vida e ter cuidados com seu corpo atuando na prevenção de sua saúde. Além disso, Seu Zé passou a ter uma função importante em sua comunidade, assim, ele se situou como um agente de saúde, mas

deve-se ter em mente que o conceito de saúde tem um significado amplo aqui. Depois que a mulher o ensinou a benzer, ele disse que ela parou de benzer, pois ela foi se enfraquecendo e depois faleceu. Quando o dom é passado pra outra pessoa, a benzeção perde a força. Segundo Seu Zé, isso acontece porque é necessário repassar o ensinamento. Ele ainda explica que mesmo que o dom seja algo que não é adquirido e sim merecido, não se pode ensinar para qualquer pessoa. Tem que ser uma pessoa boa, pura, assim:

Claro que todos nos somos pecadores, mas temos que ter certeza que a pessoa que vai aprender não vai fazer mal as pessoas. Tá difícil de arrumar quem queira aprender. Hoje, o povo não quer saber de coisa difícil na vida não, mas também não fico perguntando se quer aprender, tem que vir da pessoa. Meu neto queria aprender a benzer, falei pra ele que nas férias era pra ele vim aprender, mas até agora não apareceu.

Segundo Seu Zé, a benzeção não dispensa a medicina, tem coisa que a medicina não consegue curar, e o contrário também existe. Ele avalia que na benzeção, é preciso ter fé e se entregar nas mãos de Deus, o que não é diferente com a medicina. Assim, para qualquer cuidador cabe pensar em quem se cuida e saber da importância do ofício:

Você já foi num médico e tomou um remédio que não valeu de nada? Pois é, provavelmente você não teve fé no tratamento que o médico te passou. Garanto que pensou que o médico não tinha entendido o que você tinha falado, mas resolveu tomar o remédio mesmo assim. Os médicos precisam de provas pra descobrir o que a gente tem, num tá dizendo que eles estão errados, e por isso demoram às vezes pra descobrir o que tá acontecendo. Às vezes uma dor de barriga pode ter várias causas diferentes, e vários jeitos de curar, só que pra gente, benzedor, parece ser mais fácil, a gente pede pra Deus e as mãos divinas curam. Num é que é mais fácil, é mais rápido. O médico vai pedir exames e vai descobrir o que que tá acontecendo e vai passar um remédio que vai curar. Tá vendo como as coisas podem ter vários sentidos, pra nós a dor de barriga pode ter sido causada por mal olhado, angústia, preocupação, e pros médicos pode ser por bactéria.

De acordo com Seu Zé, Deus deixou várias formas de curar, o que significa que não existe a forma certa, mas o jeito que se encara o problema. Quando se tem fé no que

é proposto, independente do jeito que vai ser feito, do tempo que vai levar, e da forma que vai acontecer, a benção é concedida, se assim for a vontade divina.

4.3. As histórias de usuários da benzeção

A Socorro tem 47 anos, é casada, tem 2 filhos e 3 netos. Ela foi batizada na igreja católica, mas atualmente, segue a linha espírita, porém não frequenta centros espíritas. Ela explica que por ter o dom de ver coisas que ainda vão acontecer e as pessoas que já se foram, acabou se aproximando do espiritismo para poder entender o seu dom. Ela acredita que a benzeção faz as curas através da fé, se o benzedor tem fé, a pessoa será curada. Assim, ela explica:

Eu fui batizada na igreja católica. Eu procuro me benzer porque eu confio nas benzeções. As benzeções são boas e eu acredito em Deus. E eu espero que me cure, né?! Eu sinto a cura. Não sei se é pela fé ou pela benzeção mesmo, mas eu acho que é pela fé. Tem capacidade de curar, mas acho que depende da fé da gente. [...] A capacidade de cura é sobre a fé. Se você não tiver fé, você não é curado. Você pode tomar remédio a vida toda, mas tem vezes que, se você tomar meio copo de água, você pode ser curado. Mas é pela fé. Se você tiver fé, você vai ser curado.

Ela conhece a benzeção desde criança, sempre conviveu com isso em sua família, já que sua mãe benzia. Sobre sua história com a benzeção, ela explica:

Vem de família. Vem de geração em geração. A mãe benzia, eu fui criada, eu fui educada dessa maneira. Para ir no benzedor, para levar os filhos para benzer, de quebranto, de mal olhado, de inveja. Isso é uma criação que vem de família.

Socorro acredita que tanto a prática da medicina como a prática da benzeção tem o poder de curar, porém são curas distintas. Assim, ela explica:

Eu acho que os dois têm o bem de curar. A benzeção tem o poder de curar o espírito e a medicina cura a carne, a matéria. [...] Cura é se sentir bem. É você ir lá, fazer a benzeção, orar por você e se sentir bem. Se sentir livre. Quando eu termino de benzer eu me sinto leve. É como se tivesse tirado um peso dos ombros. A benzeção cura a alma, você vai se sentir tranquila, você vai poder dormir mais tranquila. Acho que os dois são como um conjunto.

A respeito do tratamento médico, ela relaciona com o uso de medicamentos exclusivamente, o médico não avalia ou analisa os indivíduos, mas “passa remédios”. Ela acha eficiente, mas tem suas ressalvas, e isso ela considera ruim, assim: “Às vezes você se consulta, o médico te dá remédio para uma coisa e peteca outra. Você toma o remédio para um mal que você está sentindo, mas aí, de repente, você passa a sentir outra coisa”.

Marta é uma senhora de 49 anos, tem 2 filhas. Atualmente é dona de casa, mora com o segundo marido e uma filha. Ela é católica e acredita em Deus, conhece a prática da benzeção desde criança, a mãe dela tinha o hábito de levá-la pra benzer. E diz que quando vai ser benzida sempre espera sentir “uma melhora e um alívio espiritual”. Acredita que o benzedor tem capacidade de curar, se ele tiver permissão divina, o dom.

Se ele tem capacidade de benzer, é porque Deus deve dar a ele um dom. E se ele tem esse dom, ele é capaz de curar. [...] Cura é a gente se libertar das doenças e dos males que a gente está sentindo, tanto fisicamente, como espiritualmente, os dois. Mas acho que mais espiritualmente.

Ao adentrar na temática entre as diferenças entre as práticas médica e da benzeção, Marta diz que existem diferenças, que tem coisas que só o benzimento cura. Segundo ela:

Eu acredito nos dois, tem coisas que o médico não cura, só com o benzimento mesmo. Tipo quebranto... Médico não cura. Só quem cura é quem benze. Mal olhado também. Quando você vai no médico, você toma os remédios medicinais, o que leva um tempo para se ver resultado. Com o benzimento, você já vê o resultado no dia seguinte. [...] Às vezes o tratamento com o médico tem falhas. Tem vezes que consultamos um médico, que fazemos um tratamento, e não vemos resultados. Aí fazemos tratamento com outro médico e vemos resultado imediato. Como meu caso, fiz tratamento de muito tempo com um médico, não vi resultado, mas agora comecei com outro e estou vendo uma melhora.

Ela utiliza o sistema terapêutica da benzeção como uma forma de alívio, de apaziguar o sofrimento. De acordo com ela:

O benzimento significa cura, libertação. O benzimento parece tirar um peso espiritual da gente. Eu me sinto melhor. Eu estava sentindo um peso nos ombros, parecendo uma pessoa me puxando para trás,

depois disso eu senti um alívio. Eu não sinto mais esse peso. Parece que o meu corpo ficou maneiro, aliviou, acabou aquele peso que eu sentia nas costas e nos ombros.

A Dona Rosa é uma senhora de 62 anos, tem uma filha e dois netos. É católica, e tenta sempre seguir os caminhos de Deus. Ela acredita na benzeção e vai sistematicamente ao benzedor. Já foi benzida tanto com a Dona Adma quanto com Seu Zé. Diz que a Dona Adma “é boa pra benzer, aquela eu tiro o chapéu pra ela. O Seu Zé Também é ótimo, excelente”. Assim, ela explica:

Se eu tô com uma dor de cabeça, eu espero que aquela pessoa que me benzeu, orou por mim, benzer e fazer uma oração por aquela pessoa é mesma coisa. Então eu cheguei lá na casa da Dona Adma com uma dor de cabeça que eu até tava vendo estrela, de tanta dor que eu tava sentindo. E ela me benzeu, ela terminou de me benzer eu sentei lá, ela me serviu um cafezinho, eu tomei um café e conversando com ela ali, acho que uns 15 mim. Eu tava sabe, com muita dor de cabeça, aí eu fiquei lá esperando um pouco. Aí quando eu saí de lá, eu saí boa, não tava sentindo dor de cabeça mais, é como se eu tivesse tomado um analgésico pra passar a dor, e passou pronto. Eu fiquei impressionada.

Conhece a benzeção desde criança, e levou isso para sua família. Seu pai costumava mandar benzer a criação de gado sempre que era necessário. Conforme explica Dona Rosa:

Meu pai era fazendeiro e ele gostava muito de benzeção, quando uma criação dava bicheiro e tava custando a sarar, sabe? Ele chamava um benzedor lá, esse já morreu muitos anos, ele chamava Daniel. E aí ele benzia aquela bicheira sabe, e os bicho caia tudo. Não vamos falar de criação não, vamos falar só de gente. A minha filha a Luciane, era novinha. E o Vanim o pai dela, andava demais nos internados lá, e um dia ele trouxe um... num sei o que ouve lá, sei que pegou um berne na cabecinha dela, ela era novinha carequinha ainda, né!? Menina, e eu to lá dando mama a ela, lá fora, o sol tava, o sol da manhã, né?! E eu to lá dando mama ela assim, e passei a mão na cabecinha dela assim e vi um carocinho pequenininho, e falei gente o que será isso? Aí que fui ver direito, sabe? Eu passei assim, eu olhei bem direitinho, e tava mexendo. Eu fiquei apavorada. Falei nossa isso aqui é berne, só pode ser. Porque o Vanim anda muito por aí, vem pega a menina, né?! Por que o berne vem duma mosca, né?! Então por isso que, às vezes ele

passou assim num lugar que o mosquito tinha posado lá aquela hora, passou pra roupa né, e chegou e pegou a menina. Eu só posso pensar assim né, eu num sei. Aí eu levei ela na casa do seu Onofre, Onofrinho, que morava lá na casinha do meu sogro. Ele é benzedor e dos bons, aí eu não quis deixar aquilo crescer, porque quanto mais demorasse mais ele ia crescer, e pra tirar, mais a menina ia sofrer pra tirar. Ai falei assim vou levar ela lá no seu Onofrinho, e levei lá eu achei engraçado foi a maneira dele benzer sabe. Ele pegou três baguinhos de arroz com casca e benzeu lá na cabecinha dela, sabe? Ela começou a chorar ai eu pus o peito na boca dela, pus uma fralda assim, pq fica chato né?! Aí pus a fralda ela ficou quietinha assim, com a cabecinha dela descoberta sabe. Ai ele benzeu. Benzeu, jogou pra traz assim e deu pras galinha comerem, as galinhas catou tudo na hora. Aí eu falei assim como que faz seu Onofre pra ora que morrer aí dentro como que faz pra espremer né?! Porque vai morrer aí, vai infeccionar. Ele falou: não, nunca mais a senhora precisa pensar nisso aí. Eu falei: É? Ele falou: Sim. Eu fiquei meio assim né?! Ele falou assim: É! A senhora nunca mais precisa pensar nisso aí, que isso aí vai desaparecer, simplesmente desaparece. E desapareceu. Nunca mais. Quando foi no outro dia eu fui arrumar ela dá banhozinho nela e tudo. Aí eu passei a mão e não tinha nem sinal.

Dona Rosa, assim como as outras pessoas entrevistadas demonstraram ter muita proximidade com os benzedores locais, Dona Adma e Seu Zé, o que revela que a rede de sociabilidade onde essas pessoas se inserem é a mesma e a solidariedade parece pautar a mesma. Assim, a benzeção entra na lógica da dádiva, no dom de dar, receber e retribuir. Os benzedores benzem, curam os males, não cobram por isso, mas quando precisarem de auxílio poderão contar com essas pessoas, que acreditam muito neles e no dom que esses benzedores têm. Assim, Dona Rosa explica:

Não, eu acredito assim. Que Deus usa as pessoas pra aquele dom da palavra de Deus. Benzedor, todo benzedor é uma pessoa comum, pecador né? Lógico, mas a pessoa que reza com fé, que a palavra tem poder, muito poder, todo mundo sabe disso, né!? Que as palavras tem poder, então quando a pessoa ta orando com fé pra uma pessoa, aquela oração vale, aquela oração Deus ouviu. O benzedor é considerado só um veículo de Deus, por que aquela pessoa fala as palavras de Deus, sabe? Então se Deus pôs virtude naquelas palavras a pessoa é curada, igual eu fui quando a Dona Adma me benzeu. Quem cura é só Deus, através das palavras, das pessoas também, se Deus por virtude nas palavras da pessoa. O poder que o benzedor tem com as palavras dele, é fé. O próprio benzedor tem e Deus tá vendo aquela fé dele, e põe virtude

naquelas palavras. Eu acredito assim. [...] Cura só Deus pode, né?! Eu vejo no padre Reginaldo Manzote, todo dia eu pego o texto da misericórdia. Oê vê cada depoimento, que eles dão lá. Então, a cura só Deus pode fazer, mas se tiver uma pessoa da face da terra que pede com fé e humildade Deus ouve. Então acontece a cura, e tem outra, Deus não faz uma cura pela metade não ele faz por inteiro e onde ele põe a mão, por exemplo, se eu tiver um câncer ele cura eternamente, fica curado eternamente. Não volta aquele câncer mais não, porque Deus não quis. Então rezo. A gente aqui na face da terra, ao meu ver, nós não é nada, sem Deus não é nada, mas com Deus nós é tudo. Então a cura não vem de ninguém na face da terra, vem de Deus.

Dona Rosa se considera ser uma pessoa saudável, apesar da idade. E completa dizendo:

Eu considero que a pessoa que tem saúde, é saudável, é sadio e tal; é aquela pessoa que ainda não teve problema de saúde, mas pode vir a ter também. A pessoa tem que tá bem com a alma, com o espírito, com o corpo. É um conjunto, que anda junto, entendeu? Se a pessoa é totalmente saudável, não adianta só o corpo estar bonito, tá elegante, não! A alma também tem que estar pura, tem que estar tranquila, pra poder ser feliz, eu acho assim. Deus deixou de tudo, deixou o médico pra curar as pessoas. Então, por exemplo, no dia que eu fui lá pra Dona Adma benzer minha cabeça, eu fui lá eu tive sorte que Deus ajudou Dona Adma a me curar, né? Mas se eu não tivesse sido curada, claro, é evidente que eu ia partir pra medicina. Porque Deus deixou os médicos pra curar as pessoas.

Cabe enfatizar que em Unaí, os benzedores atuam em diversas frentes, que são solicitadas e são problemas para as pessoas. Desse modo, a benzeção não se resume a pôr fim a uma dor, mas em restabelecer a vida das pessoas, suas relações sociais, seu trabalho e diversão. Dona Rosa conta de sua aflição com sua máquina de bordar que estava com mau olhado e Dona Adma benzeu e consertou a máquina. Assim, ela conta:

Não sei se posso falar isso, mas, essa máquina, no dia em que a Dona Adma benzeu, tava assim: Eu estava bordando um jogo de cozinha que é industrial (nessa máquina). Menina! Eu costurava dois pontos e arrebatava, dois pontos e a linha picava, eu fiquei nervosa e disse assim: Vou jogar essa máquina pra lá! Coloquei ela em um canto, ficou lá um ano! Tomei raiva da máquina e falei: Não vou mexer mais nessa máquina não! Esse trem não presta! Aí foi onde eu conheci a Dona Adma, ela era cliente do meu marido, aí quando ele (o marido) falou que a máquina estava com mal olhado,

eu falei que pode ser, né?! Nesse mundo temos de tudo. Aí ele falou que tem uma cliente, Dona Adma. Aí ele disse que, quando ela for lá no escritório, eu peço para ela benzer. Amanhã ou depois ela deve aparecer. Aí, tá bom! Eu esqueci daquilo. Dona Adma chegou, eu não conhecia ela, ela veio perguntando se era aqui que morava o Dr. Irani, perguntou se ele está, e disse que ele me pediu para vir aqui benzer a senhora e uma máquina. Aí eu vi que era a Dona Adma, abracei ela e ela disse para colocar uma cadeira e ligar a máquina. Eu falei assim: não dona Adma! Não adianta! Primeiro você tem que benzer a máquina! Ela não dá nem dois pontos e pica a linha, vira uma bagunça! Aí ela disse que não, a máquina não costurava e que agora iria costurar. Corrigi ela e ela disse que, se não bordava, iria bordar. Ela mandou eu ligar a máquina para bordar, eu fiquei meio assim, ela não iria ligar, mas liguei. Primeiro ela me pediu, a senhora tem chifre aí? Meu marido era fazendeiro, eu tenho um chaveiro de chifre, desmanchei e dei pra ela. Ela pediu três lasquinhas do chifre, três folhas de guiné, três folhas de arruda, três de alecrim, três pontinhas da folha da espada de São Jorge e me pediu três dentes de alho roxo, e me pediu um pedaço de fumo. Aí arrumei tudo, eu tenho umas plantinhas ali, umas coisas ali e... Ela pediu três pontinhas de comigo-ninguém-pode. Achei engraçado, eu tinha esses trem tudo! Ela mandou eu sentar, ligar a máquina e bordar. Eu fiz o pai, filho e espírito santo e nunca mais essa máquina ficou do jeito que estava. Agora ela começou a tratar de novo! Por isso eu ia lá buscar ela. Ela falou para eu pegar as coisas que usou para benzer e deixar espalhado na máquina. Coloquei lá num cantinho, na gaveta da máquina. Menina, mas isso tem anos! Já tem muito tempo! Tem mais de 20 anos! Agora que a máquina começou a dar problema. Só que, na hora que ela acabou de benzer, ela começou a tremer e ficou amarelinha. Falei assim, Dona Adma! Comecei a chorar... Porque você foi benzer? Agora você tá passando mal. Ela falou assim; corre lá, pega um pouco de tudo o que benzi menos o comigo-ninguém-pode, que é veneno, pega um pouquinho de tudo e põe no fundo de um copo e pega três colheres de pó de café e um copo americano de água. Aí ferve, escalda o café e me dá esse café com essas coisas tudo. Me da depressa que eu to ruim! Ela é morena, sabe? E o cabelo corridinho, parece meio índio. Falei assim, vem pra cá dona Adma! Deita na cama! Eu quero deitar naquela cama do fundo! Fomos pra lá, ela tava amarelinha, sabe? E tremia. Eu falei: meu Deus do céu! O que eu faço? Eu corri, fiz o remédio pra ela, ela tomou um copo daquele trem. O trem tava até grosso de tão forte que tava. E ela bebeu esse trem tudo! Eu falei: meu Deus! A dona Adma vai morrer. Mas foi num instantinho e ela melhorou! Eu fiquei contrariada por saber que foi eu quem pediu para ela benzer. Nunca mais a máquina deu problema. Já sumiu tudo dos trems que ela falou, que é pra ficar. Agora, por isso que ela tá voltando a tratar comigo de novo.

Dona Rosa faz distinção da origem dos tratamentos entre a prática médica e a prática da benzeção. A partir disso, ela transita sem grandes empecilhos entre os dois seguimentos.

Eu acredito em tudo! O que o médico não dá conta, a benzeção completa e o que a benzeção não vale, os médicos completam. Com a força de Deus, né? Porque os médicos, Deus ilumina! Para poder fazer uma boa cirurgia e enfim, receitar um remédio adequado. [...] A diferença é que o médico foi Deus que deixou, né? A tradição é de Deus, não é nem nossa. E a benzeção já é uma coisa mais mística, que nem todo mundo entende. O que Deus deixou, todo mundo entende! Que são os médicos! Mas agora, benzeção, muita gente faz chacota. Eu não, eu respeito tudo o que Deus deixou na face da terra. Eu respeito. [...] Existem falhas. O erro é humano, né? Mas assim, só que o médico não pode errar. Quando ele erra, a vida de alguém corre perigo. Isso quando não perde o paciente. O erro é humano. Mas Deus ilumina as pessoas, eu acho que o médico, Deus deixou para que ele fique. Eu acho até que o médico ganha muito mal pela responsabilidade. O médico é a única pessoa que pode matar e dar atestado de óbito! Ele pode e tem poder para isso. É por isso que eles fazem aquele juramento no dia em que se formam. Juramento de salvar vidas, que a função deles ali é apenas salvar vidas. Não é para o mal. Mas nessa vida temos de tudo. Agora, é igual eu te falei, o que o médico não dá conta, a benzeção dá! E que vamos lutar! E acreditar em Deus em todos os sentidos, porque se Deus não estiver junto com o médico, ele não faz a coisa certa. Se o benzedor não tiver fé em Deus, ele não é nada. Você acha que fui eu quem curou a vaca lá? Não! Quem sou eu? Quem sou eu? Foi Deus quem pôs a virtude nas minhas palavras. Deus me usou para fazer aquela cura para aquela pobre vaca. Eu não fiz nada, eu só falei.

Guido tem 77 anos, sete filhos e está no segundo casamento. Sua primeira esposa faleceu e, ao passar alguns anos, casou-se novamente. Teve contato com o benzimento desde que nasceu, sua mãe benzia de “ofendido de cobra”, e cresceu convivendo nesse universo. Educou seus filhos com a terapêutica da benzeção, sempre que necessário levava-os para benzer. Além disso, fez uso de plantas medicinais, pois tem grande conhecimento dessas plantas. Quando havia algum problema fazia uso de remédios naturais, juntamente com as benzeções. Hoje, ele leva consigo verdadeiros ensinamentos de vivências ao longo dos anos, conforme ele relata:

Quando a Nilde, que é minha primeira filha, arranhou uma bolha no braço, Adelaide (1ª esposa) achou que poderia ser um queimado, nós morávamos em um riacho, ela veio e furou. E aonde vinha a salmoura, vinha comendo e virando ferida. Passou remédio, deu uma melhorada e saiu mais. Aí foi para as pernas dela. E a situação era muito devagar, a gente vivia numa pobreza danada. Não tinha recurso, não tinha. O médico era Seu Joel (não tinha formação médica) de Unaí, e eu morava em um riacho. Em um belo dia, eu já tenho um trauma com esses andarilhos, que nesse tempo queriam matar meu pai, e eu tirava leite para Geraldão, era empregado de Geraldão lá no riacho, eu e o Dido. Nós tirávamos leite, levantávamos de madrugada, não tinha nem latão de leite! Era lata de querosene. Tirava, enchia e trazia cá para despejar em um tamborão para desnatar. E quando o dia estava clareando, debaixo de um pau tinha um carro velho, com uma pessoa deitada no carro, eu já me preocupei com Adelaide. A casinha não tinha porta, a gente morava junto com os porcos. Tinha o paiol, o chiqueiro e o quartinho do lado. Para você ver como era a vida da gente. Quando o dia amanheceu, que a gente terminou de tirar o leite, em um domingo, eu acabei de levar o leite e falei com a Adelaide: Vou chamar aquele moço para tomar um café, eu não sei quem é né?! Cheguei e gritei; Oh irmão! Vem tomar um café aqui mais eu! Eu tinha que saber quem era a pessoa, era um senhor de idade, velhinho, cheio de rasgado, chapeuzinho velho, falou “é bão” e veio. Abri a porteira, que era no paiol, ele passou pra dentro, não tinha onde sentar. Não tinha tamborete, não tinha lugar, não deu para entrar. Era tudo um só. Ele ficou do lado de fora, a Nilde vem de lá com aqueles trem no braço, nas pernas e foi passando e ele foi e falou: “O que que essa menina tem?”. Eu fui e falei. Ele perguntou se eu tratei dela, eu falei que já. Ele perguntou se eu tinha fé com benzimento, eu falei que tenho, mas nem com todas as pessoas. Aí ele virou e falou pra mim: Não, eu vou benzer ela. Isso não vale nada não. E chamou ela, ela foi pro colo dele. Eu fiquei e pensei, e agora? Não sei quem é! Vai que ele pega minha filha, e aí? Agora tá nas mãos de Deus. Ele olhou, olhou, ela veio para cá, ele passou o nome de um remédio para darmos a ela, mas que não precisaria não. Aí eu entrei lá dentro, falei com a Adelaide e esse homem já tinha tomado um café, comido um biscoitinho e eu passei a gostar dele. Mas o que eu sei dele, foi só isso. Ele falou: Ó, vou benzer, isso não vai valer de nada... e o resto que nós conversou não gravei. Fui lá dentro, falei com a Adelaide e ver se ele poderia ficar aqui, descansar e a gente arrumaria uma roupa pra ele. Falei com ele, o senhor fica aí, vai mais tarde, repousa aqui, descansa. Ele falou que não, que não podia, que tinha compromisso. Ele não quis ficar. Ele levantou, despediu de todo mundo. Não sei se ele já tinha benzido a Nilde. Ele não mostrou nada e saiu pela porteira, eu abri a porteira, e ele tirou o chapéu (conta Guido chorando) fez a reverência e foi embora. Aí a Nilde veio e não tinha mais nada na perna da menina. A perna tava

lisinha. Eu peguei ela e falei com a Adelaide: Foi Deus que teve aqui! Deus que teve aqui! Eu vi que ele saiu para as estradas, foi para as bandas de cafundó e eu fiquei olhando ele até sumir para lá. Falei com Dido: Dido eu te pago para você desnatar o leite. Eu vou atrás daquele senhor. Nunca mais achei, nunca vi nem rastro. Não sei nem o nome. Ele falou o nome e eu não gravei. O que eu gravei foi isso que eu tô falando. Foi uma coisa que, até hoje, eu tenho ele na mente. Vejo ele perfeitinho, perto de mim, o jeitinho dele. Se eu conseguisse desenhar, eu desenhava o jeito dele. Nunca mais ela (Nilde) sentiu nada. É um trem que a gente fica assim. O benzimento, o benzedor tem isso. O benzedor, se você pegar e acostumar, você vai notar o que eu tô te falando. Se você chegar em um benzedor e olhar pra ele, você vai sentir.

Segundo Guido, o benzedor é uma pessoa especial, tem um dom e muita fé. Uma pessoa sem fé não consegue benzer, não vai adiantar nada, ele faz uma comparação “é a mesma coisa de ir à igreja e dormir”. E acredita que a medicina não cura tudo, existem coisas que somente o benzimento pode curar, como: espinhela caída, mal olhado, quebranto, olho gordo. Assim, ele explica:

Minha fia! Eu já tive pessoa de benzer, na hora que está me benzendo, eu ver uma imagem na minha frente. Eu sinto aquela coisa tirando aquilo da gente. E a pessoa que benze, sai vomitando. E eu sinto como se meu corpo fosse outro. Aqui mesmo, depois que me benzeram, melhorei muito. Benzedor é a mesma coisa do remédio. Você toma uma dose só, não cura não minha fia! Você tem que tomar por dez dias até ver o resultado. Mas se você tomou por quinze dias e não sentiu resultado, pode jogar fora. Não tem isso de beber e sarar na hora. Tem dor de cabeça, dor de ouvido, dor de dente, mas ela volta. É igual com benzedor bom! Ele benze e, se não tiver condições de cura imediata, ele pede para ir procurar mais outro benzedor. [...] Já aconteceu tanta coisa comigo, eu fico até pensando. Uma vez eu estava com as porcas fazendo um chiqueiro, três porcas. E o cara que tava roçando pra mim me pedindo uma porca. Eu falei que estava fazendo o chiqueiro. Ele foi para lá para jantar, as porcas estavam comendo até os cavaco do pau. Quando todo mundo foi jantar e eu fui jogar milho para as porcas, estavam todas as três encruzadas no canto do chiqueiro. E não saíram dali. No dia seguinte cedinho, Faustino chegou para eu arrastar uns paus para ele. Faustino disse que as porcas estavam com mão olhado e que benzeria para mim. Enquanto eu estava lá arrastando os paus, lá estava ele debaixo das cobertas passando mal. Na mesma hora chegou o João, contei para ele, ele benzeu as porcas e o Faustino. Ele melhorou. Foi três que chegaram lá em casa, para benzer, sem eu chamar.

No universo da benzeção, cada benzedor tem a sua forma de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar. Conforme explica Guido, se um benzedor não tem a reza forte para determinado evento, outro terá, mas deve-se ter paciência e aguardar. Todo benzedor tem um dom, que é traduzido na fé e que cura, que permite ter o trabalho, ter o sustento, ter seu afazer. Trata-se de um saber adquirido com pessoas mais velhas e experientes no dom que permite um novo olhar sobre o mundo que os cercam. Dessa forma, cada benzedor atua de determinada maneira, o ofício se reveste de idiossincrasias. O modo de benzer do Seu Zé difere do de Dona Adma.

Seu Zé tem uma maneira peculiar de benzer, sempre sai em seu quintal em busca de três raminhos de favaquinha, que segura com a mão esquerda. Leva o indivíduo para um lugar mais reservado, em baixo de uma árvore. Posiciona-se a sua frente, faz o sinal da cruz, fecha os olhos e inicia suas orações, bate o pé três vezes enquanto reza, e reza três vezes a mesma oração, uma com cada raminho. Seu Zé é um senhor sensível, pois ele sente em seu corpo o mal ou aflição que a pessoa está vivendo. De acordo com Seu Zé, ele visualiza a situação de angústia que pessoa passa, e quando é necessário, se sente na obrigação de contar. Assim:

Veio um rapaz aqui em casa, ele tava muito angustiado, mas não sabia o que tinha acontecido para ele tá assim. Aí fui benze ele, nossa senhora, mãe! Esse menino tava carregado. Na primeira oração eu já estava lacrimejando e abrindo a boca, na segunda todos os ramos já tinham secado. Aí eu vi o que aconteceu, ele tinha brigado com um colega de trabalho, que tentou passar a perna nele. Quando terminei de benzer, eu falei para ele o que vi e ele confirmou que tinha sido isso mesmo. Eu senti que ele precisava perdoar esse colega, e falei para ele. Eu penso que se ele não perdoa, não ia ter sossego, parece que ele queria perdoar, mas não tava dando conta.

Por sua vez, Dona Adma sempre escuta primeiro as queixas, e depois conversa sobre coisas variadas, não necessariamente sobre os problemas que o indivíduo está passando. Segundo ela, a partir das queixas, da escuta que realiza, ela consegue diagnosticar o problema e identificar qual reza será eficiente. Após descobrir o que a pessoa tem, ela vai ao quintal e busca três folhinhas de arruda, posiciona a pessoa sentada em uma mureta ou banquinho com as costas viradas para sua casa. Ela fica de frente para as costas da pessoa, e inicia sua oração com o sinal da cruz e diz o nome da

pessoa, depois “cisca” três vezes para traz. E os raminhos ficam em sua mão direita, ela utiliza todos os três juntos. Encerra o benzimento com o sinal da cruz. Ela tem suas peculiaridades não gosta que a pessoa fique de frente para sua casa, pois pode passar o mal para sua residência. Também, evita a presença de pessoas para que essas não recebam os males que estão sendo tirados.

Apesar de algumas diferenças na forma de benzer, Seu Zé e Dona Adma apresentam algumas semelhanças como, por exemplo, nunca benzem uma pessoa após a outra. De acordo com eles, deve haver um espaço de tempo entre uma benzeção e outra, pois eles absorvem um pouco dos males que tiram das pessoas. Dona Adma explica: “muitas vezes eu passei mal depois de um benzimento, de vomitar mesmo”. Seu Zé conta que nunca vomitou, mas já teve dores de barriga muito forte. Outra semelhança é que os dois iniciam e encerram as orações do benzimento com o sinal da cruz. Seu Zé afirma: “Só o sinal da cruz já é uma forma de benzimento, significa a proteção divina”. Ele diz que o ideal é tanto o benzedor quanto o sujeito que está sendo benzido devem fazer o sinal da cruz.

A prática da benzeção evidencia muito a solidariedade entre os indivíduos. Tornou-se visível o quão a vizinhança está interligada por meio da benzeção, sempre que os vizinhos de Dona Adma precisam de algo que ela possa ajudar, seja no benzimento, ou em um pouco de couve em que planta em seu quintal, ela esta disposta a ajudar e disponibiliza de todos os recursos, o contrario também ocorre. Dona Adma conta que a vizinha de frente dela sempre lhe dá feijão, pois seu marido trabalha em uma fazenda. Nem dona Adma, nem seu Zé cobram pela benzeção, mas isso desencadeia um processo de gratidão pela vizinhança. A disponibilidade de ajudar o outro faz com que os sujeitos se sintam gratos, e retribuem da maneira que podem.

Conforme, visto especialmente no relato emocionante do Seu Guido, as práticas da benzeção em Unaí estão inseridas em redes de sociabilidade que pautam o meio rural. Nesse contexto, vigora a relação de dádiva e não mercantil, assim, há uma solidariedade do catolicismo popular e da vida no meio rural, onde vigora a doação que contará com uma retribuição. Nesse sentido, o trabalho das(os) benzedeadoras(ores) não produz um bem material, mas social, o que vem reforçar os depoimentos das entrevistadas, que atribuem ao ofício o cumprimento de uma missão, um dom, sem a preocupação com o valor monetário atribuído ao seu ofício. (CARDOSO, 2012, p. 49)

Os(as) benzedores(as) se identificam como pessoas que receberam um dom subjacente à reciprocidade, isso representa cumprir uma missão, que foi confiada por Deus no momento em que receberam o dom de curar através de orações de benzimento. Portanto, ajudar uma pessoa que esteja precisando de socorro com um sofrimento qualquer é visto como obrigação, não há como fugir desse ofício ou dom. A necessidade de ajudar e a sua retribuição que os habitantes da vizinhança dedicam uns aos outros, geram uma rede ampla de relações e de cuidado que os unem, os faz um coletivo (Cardoso, 2012, p. 50). Além disso, a benzeção em Unaí apresenta um conceito de saúde ampliado, ela atua sobre o sofrimento das pessoas, mas também sobre os bens escassos que os sujeitos na lida rural possuem. As poucas vacas ou porcos devem ser benzidos, pois são, às vezes, o único sustento e são alvos de mal olhado. As cobras que matam os animais, também, devem ser anuladas por meio da benzeção. Até mesmo a máquina que permitia um afazer doméstico, também, pode ser benzida, pois complementa a pessoa e suas atividades cotidianas. Viver bem é um conceito com sentido que vai além da ausência de doença, mas abarca o trabalho, o lazer, o sofrimento, a alegria, em suma a vida do dia a dia e seus momentos extraordinários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

.

Para ser um benzedor, faz-se necessário um processo de ritualização que os tornem preparados para agirem como benzedores. Afirmam ser necessário estar puro de corpo e alma para receberem o dom da benzeção e praticar tal terapêutica. Para que isso ocorra, cada um tem seu modo de purificação, como descrito no decorrer do estudo.

A partir dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa, revelou-se que o conceito de saúde tem um significado amplo, que garante o estado de bem-estar, físico, mental e biológico. Para tanto esse conceito de saúde abrange também os sujeitos que utilizam dessa prática para libertação de males. Observam este instrumento, a benzeção, como forma de alívio, libertação, fazendo com que além da percepção de cura a benzeção ajude na purificação do espírito.

Segundo Cavalcante (2006, p.76), do ponto de vista epistemológico e cognitivo há diferença entre a biomedicina e a benzeção. A visão popular também possui uma lógica interna, não formalmente sistematiza como a da biomedicina. Isso se traduz no decorrer do trabalho, com a diferença que os sujeitos apontam para determinada prática. No qual é possível identificar as diversas ocasiões, nos relatos, que limitam a capacidade de cura de ambas as práticas. As práticas de curas das(os) benzedoras(ores) não são vistas como um saber especializado no mesmo sentido que o saber médico, mas estão sempre associadas com a divindade, com o dom, e são classificadas com instrumento de Deus. As curas são feitas por Deus que os utilizam como ferramenta para tal benção.

Evidencia-se também que para os sujeitos que utilizam dessa prática, a benzeção, para cura de males, a transição de um sistema terapêutico para o outro se faz como complementariedade. Os próprios benzedores, Dona Adma e Seu Zé, utilizam das duas terapêuticas, e conseguem distinguir suas limitações.

De acordo com Cardoso (2012), os profissionais de formação acadêmica não reconhecem as práticas alternativas de cuidado à saúde. Dificultando a legitimidade da terapêutica. Porém, as(os) benzedoras(ores) podem ser de grande utilidade para o serviço de saúde, conforme está sendo visto nas experiências inovadoras de alguns municípios que as incluem como agentes de saúde pública. Para que isto ocorra, é indispensável que se estabeleça uma relação respeitosa de valorização dos saberes

populares, para que ocorra a continuidade dos saberes e práticas populares, e na contribuição para troca de saberes.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, CNES (2013), **Ficha estabelecimento**. [Em Linha]. Disponível em: http://cnes.datasus.gov.br/Exibe_Ficha_Estabelecimento.asp?VCo_Unidade=3170402760924. Acesso em: 22 de Novembro de 2013.

BRASIL, IBGE (2010), **Cidades@**. [Em linha]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013.

CARDOSO, I. L. **O Saber/Fazer das parteiras populares do entorno do Distrito Federal**. 2012. Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2012.

CAVALCANTE, S. G. **ENTRE A CIÊNCIA E A REZA: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ce**. 2006. Dissertação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. 2006.

CUNHA, M. C. 2009. **“Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”**. In: Cultura com aspas e outros ensaios. SP: Cosac & Naify.

FLEISCHER. S. **A Puxação no Parto: manipulando barrigas, manipulando significados**. In: Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Belém/Santa Cruz do Sul: Paka-Tatu/Edunisc, 2011.

GALINDO, D. **A inclusão das rezadoras de Maranguape na promoção da saúde pública**. Revista Acadêmica do Grupo comunicacional de São Bernardo. Ano 2 – nº 3. 2005.

GERHARDT, T. **Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22 (11):2449-2463, nov. 2006.

GEERTZ, C. (1989) **Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura**. In Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1985. Capítulo 1, pp 13-41.

HOROCHOVSKI, M. T. H. **Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica**. Em Tese (Florianópolis), Disponível em: www.emtese.ufsc.br, v. 2, n.1, p. 92-106, 2004. Acesso em: 12 de novembro de 2012.

LANGDON, E. J.; WIIK, F. B. **Anthropology, health and illness: an introduction to the concept of culture applied to the health sciences**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2010, vol.18, n.3, pp. 459-466. ISSN 0104-1169. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023>. Acesso em: 30 de novembro de 2012.

MAGNANI, J. G. De **perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUSS, M.; HUBERT, H. 2003. **Esboço de uma teoria geral da magia**. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. 2 Ed. São Paulo: Cosac & Naify.

MAUSS, M. 2003. **Noção de técnica do corpo**. In: *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac & Naify.

MÁXIMO, M. T. **Por entre espaços e temporalidades: Corpo, memória e história de vida de uma benzedeira**. 2013. Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2013.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2006.

MOLINOWSKI, B. **Tema, método e objetivo desta pesquisa**. In Molinowski, B. *Os pensadores*. São Paulo: Ed. Abril. 1978. pp 17-34.

NAKAMURA, E. **O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica**. *Saude soc.* [online]. 2011, vol.20, n.1, pp. 95-103. ISSN 0104-1290. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000100012>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013.

NERY, V.C.A. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM

NUNES, E. D. **Saúde coletiva: história de uma idéia e de um conceito**. *Saude soc.*[online]. 1994, vol.3, n.2, pp. 5-21. ISSN 0104-1290. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12901994000200002>. Acesso em: 30 de novembro de 2012.

OLIVEIRA, R. C. (2006) **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In Oliveira, R. C. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. UNESP. 2006. Capítulo 1, pp 17-35.

QUEIROZ, M. S. **O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 363-375, 2000.

QUINTANA, A. M. **A Ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 226 p. Saúde e Sociedade.

RABELO, M. **A construção do sentido nos tratamentos religiosos**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.3-11, Set.,2010. [www.reciis.cict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278

ROBLES, A. F. **Las agentes comunitarias de salud en el Brasil contemporaneo: la “policia amiga” de las madres pobres**. In Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n.12, dec. 2012 p.92-126;

ROCHA, J.M. **Como se faz medicina popular**. Petrópolis: Vozes. 1985.

SANTOS, L. C. **Práticas de cura e terapeutas populares em salvador no início do Século XIX**. In: III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 01: História e Cultura Afro-brasileira e a contribuição das populações de matrizes africanas no Brasil. 2006, Caetité, BA. Anais...UNEB, 2007. CD-ROM.

SCLIAR, M. **História do conceito de saúde**. *Physis* [online]. 2007, vol.17, n.1, pp. 29-41. ISSN 0103-7331. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>. Acesso em: 04 de dezembro de 2012.

SPADACIO, C.; BARROS, N. F. **Terapêuticas convencionais e não convencionais no tratamento do câncer: os sentidos das práticas religiosas**. *Interface (Botucatu)* [online]. 2009, vol.13, n.30, pp. 45-52. ISSN 1807-5762.

TRAD, L. A. B. **Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde**. *Ciênc. saúde coletiva*[online]. vol.17, n.3, pp. 627-633. ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300008>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013.